

## O túmulo sob a acácia

Companheira! Ó incandescente lua prata!  
Tão pálida e vil quanto a quem ilumina.  
Como poderias se compadecer...  
Por quem até mesmo a vida lhe arrebatava?  
Desgraçado! Em dor e agonia peregrina,  
Da maldição estás à mercê.

A acácia, vedes murchar-se inverno após inverno.  
A solidão e alma se fizeram amálgamas eternas,  
Chagas que só hão de desenvolver...  
Preso e torturado, não o limbo, sim o inferno.  
Constante, perdendo todas as cousas externas,  
Da solidão estás à mercê.

Então este seria o seu mísero fim?  
Gostaria de se jogar ao ar do que ali ficar.  
Estar preso em um ciclo sem se mover.  
"Dou tudo! Pegue-a no gatilho e mire em mim!".  
Somente via montes pratas, almejava o mar.  
Da prisão póstuma estás à mercê.

Por que? O que fiz? Qual é meu defeito?  
Leve-me, mate-me e ainda perdoe-me,  
Daria a vida sem tentar se proteger,  
Não mais suporte a cova e meu nome mal feito,  
Livre-me desta angústia, imploro-lhe.  
Da vida eterna estás à mercê.

Dias e noites eles crescem e se proliferam,  
Rastejam por poder, ódio e riquezas,  
Como eu, miseráveis. Que posso fazer?  
Suas manchas pecaminosas e gritos reverberam,  
Verminam, na superfície e em profundezas.  
Com mil trovões! Estou a enlouquecer!

A mesma lua de prata, toda noite brilha.  
O mesmo cenário, mais casas, céu cinzento.  
Dia ou noite? Tão logo os mesmos hão de ser.  
Invisível, sob a acácia ao lado da cova da trilha.  
Não suporto, estou louco, louco, não aguento.  
Faça o que faça, louco, me tire enlouquecer.

*Metireenlou! Q uecermetire enl ouque!  
Cer metire e nlo uquece r meti reenlou.  
Quec ermetire en louquecerm...  
Eti reen lou quece r meti ree nlouquec?  
Ermetireen! Lo uqu e cermet ireenlouq,  
Ue cermetir eenlo u quece.*